

A VIVÊNCIA DE FINITUDE NO CONTEXTO DOS CUIDADOS PALIATIVOS EM SITUAÇÃO TERMINAL DE VIDA: APLICAÇÕES DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO EM PSICOLOGIA

Recebido em: 12/12/2024

Aceito em: 20/03/2025

DOI: 10.25110/akropolis.v32i2.2024-11805



Daiana Zago Lupepsa ¹

Livia dos Santos Rios ²

Jorge Antonio Vieira ³

RESUMO: A proposta deste presente artigo se apresenta como uma revisão bibliográfica acerca do processo de morte, no contexto da vivência de finitude em situação de terminalidade, recorrendo ao arcabouço teórico da filosofia existencialista sartriana e às possíveis atuações da psicologia com sujeitos em situação de adoecimento terminal. O objetivo desta investigação é refletir sobre essas contribuições da filosofia existencial considerando o contexto hospitalar da psicologia e as vivências de finitude experienciadas pelos pacientes oncológicos nele inseridos. Os estudos sobre a ontologia fenomenológica sartriana tem possibilitado a aplicação das noções de liberdade, facticidade, contingência, corporeidade e morte presentes em contexto ontológico, mas que estão intencionadas para as reflexões no campo da psicologia hospitalar em contexto de morte terminal. A vivência da finitude, entendida como a condição de contingência presente na existência, é manifestada na vivência da doença como a ruptura com o campo de possibilidades e com o futuro, a qual lança o sujeito para uma possível revisão do projeto de ser, tendo em vista possibilidade concreta de morte na situação de fim de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Existencialismo; Psicologia existencial; Finitude; Morte.

THE EXPERIENCE OF FINITUDE IN THE CONTEXT OF PALLIATIVE CARE IN TERMINAL LIFE SITUATIONS: AN APPLICATION OF SARTREAN EXISTENTIALISM IN PSYCHOLOGY

ABSTRACT: The purpose of this article is to present a bibliographic review of the process of death in the context of experiencing finitude in terminal situations, drawing on the theoretical framework of Sartrean existentialism and the potential roles of psychology in working with individuals facing terminal illness. The objective of this investigation is to reflect on the contributions of existential philosophy considering the hospital context of psychology and the experiences of finitude faced by oncology patients within it. Studies on Sartrean phenomenological ontology have enabled the application of notions

¹ Acadêmica de Psicologia. Universidade Paranaense.

E-mail: daiana.lup@edu.unipar.br, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0259-6223>

² Acadêmica de Psicologia. Universidade Paranaense.

E-mail: livia.rios@edu.unipar.br, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1897-4205>

³ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Universidade Paranaense.

E-mail: jvieira@prof.unipar.br, ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7014-0221>

such as freedom, facticity, contingency, corporeality, and death, which are ontological concepts but are directed toward reflections in the field of hospital psychology in the context of terminal death. The experience of finitude, understood as the condition of contingency inherent in existence, is manifested in the experience of illness as a rupture with the field of possibilities and with the future, propelling the individual toward a potential reevaluation of their project of being, given the concrete possibility of death in an end-of-life situation.

KEYWORDS: Existentialism; Existential Psychology; Finitude; Death.

LA VIVENCIA DE LA FINITUD EN EL CONTEXTO DE LOS CUIDADOS PALIATIVOS EN SITUACIÓN DE VIDA TERMINAL: UNA APLICACIÓN DEL EXISTENCIALISMO SARTRIANO EN PSICOLOGÍA

RESUMEN: La propuesta de este artículo se presenta como una revisión bibliográfica sobre el proceso de la muerte, en el contexto de la vivencia de la finitud en situaciones de terminalidad, recurriendo al marco teórico de la filosofía existencialista sartriana y a las posibles intervenciones de la psicología con sujetos en situación de enfermedad terminal. El objetivo de esta investigación es reflexionar sobre estas contribuciones de la filosofía existencial considerando el contexto hospitalario de la psicología y las vivencias de finitud experimentadas por los pacientes oncológicos que se encuentran en este entorno. Los estudios sobre la ontología fenomenológica sartriana han permitido la aplicación de las nociones de libertad, facticidad, contingencia, corporeidad y muerte presentes en el contexto ontológico, pero que están dirigidas a reflexiones en el campo de la psicología hospitalaria en situaciones de muerte terminal. La vivencia de la finitud, entendida como la condición de contingencia inherente a la existencia, se manifiesta en la experiencia de la enfermedad como una ruptura con el campo de posibilidades y con el futuro, lo cual lleva al sujeto a una posible revisión del proyecto de ser, teniendo en cuenta la posibilidad concreta de muerte en la situación de final de vida.

PALABRAS CLAVE: Existencialismo; Psicología Existencial; Finitud; Muerte.

1. INTRODUÇÃO

A finitude da vida é um dos temas complexos e sensíveis dentro da experiência humana. No contexto dos cuidados paliativos, essa realidade se torna ainda mais evidente, pois envolve não apenas o paciente, mas também seus familiares e a equipe de profissionais da saúde que o acompanha. Em um cenário em que a medicina tradicional muitas vezes prioriza a cura, os cuidados paliativos emergem como uma abordagem essencial para garantir qualidade de vida e dignidade no processo de morte. Além disso, a morte, frequentemente vista como um tabu, é um evento inevitável que demanda uma abordagem humanizada e reflexiva. A psicologia desempenha um papel fundamental nesse processo, ao auxiliar tanto os pacientes quanto seus familiares a lidarem com a angústia existencial, o medo do desconhecido e a necessidade de ressignificação da

própria existência. Os avanços na bioética e na humanização dos serviços de saúde têm ampliado o debate sobre como proporcionar um fim de vida digno, respeitando os valores, crenças e desejos individuais.

A partir do existentialismo sartriano, torna-se possível uma leitura diferenciada sobre a vivência da finitude. Jean-Paul Sartre (1997) concebe a existência como um processo de liberdade e responsabilidade, em que o ser humano está condenado a fazer escolhas até o fim da vida. No contexto dos cuidados paliativos, essa perspectiva permite compreender que, mesmo diante da morte iminente, o indivíduo continua a exercer sua liberdade, podendo construir sentido e significado para sua experiência derradeira. Ademais, a ideia sartriana de angústia existencial pode ser utilizada para compreender os sentimentos vividos pelo paciente terminal e seus familiares, oferecendo subsídios para intervenções psicológicas mais eficazes. Assim, compreender a vivência da finitude sob a luz do existentialismo de Sartre permite um olhar mais aprofundado sobre os desafios psicológicos e existenciais enfrentados pelos pacientes terminais. Essa abordagem, ao valorizar a liberdade e a construção de sentido até os últimos momentos de vida, contribui significativamente para a prática psicológica e para a qualidade da atenção nos cuidados paliativos.

Kratsch (2020) nos apresenta a reflexão de que a situação existencial de adoecimento terminal, como por exemplo, as situações envolvendo o câncer, pode propiciar ao sujeito vários questionamentos e vivências de angústias relacionados ao despertar da compreensão de si mesmo e à possibilidade de morrer. A morte é um fato existencial e mostra o fim da realidade humana que pode nos surpreender a qualquer momento. Por isso, refletir sobre esse assunto pode sensibilizar a vida das pessoas e contribuir para que encarem a morte e ressignifique esse fenômeno existencial da condição humana (SANTOS; VERAS; SANTOS, 2023).

Ainda assim, o conhecimento que o homem possui da possibilidade de sua própria morte ou morte do outro pode trazer dor, tristeza e angústia. A vida e a morte estão unidas na descrição ontológica da realidade humana em termos da caracterização da intencionalidade da consciência. Pois, a finitude se desvela no procedimento fenomenológico como situação integrante do existir humano em termos de ter consciência de finitude. No momento em que o existente humano se dá conta de sua finitude, ou seja, toma conhecimento de sua finitude, esse saber produz também angústia. Ora, ter consciência de minha finitude não é o mesmo que ter conhecimento de que irei morrer,

considerando que Sartre não é partidário da tese de que consciência e conhecimento sejam sinônimos. Essa tese aparece tanto em suas obras de juventude quanto na introdução de *O Ser e o Nada*. Ora, as vivências emocionais ligadas ao saber sobre a morte abrem espaço para ações e intervenções na direção da atenção psicológica e assim, apresentam-se possibilidades da atuação do psicólogo, auxiliando com as experiências do sujeito em angústia para o enfrentamento do que está vivendo (KRATSCH, 2020).

Acerca dessas reflexões, a proposta deste presente trabalho se apresenta como uma revisão bibliográfica para uma reflexão acerca do processo de morte através da filosofia existencialista sartriana e as possíveis repercussões nas atuações da psicologia com sujeitos em situação de adoecimento terminal. O objetivo desta investigação é refletir sobre essas contribuições da filosofia existencial considerando o contexto hospitalar da psicologia e as vivências de finitude experienciadas pelos pacientes oncológicos nele inseridos. O presente estudo será realizado tendo como problema a construção e a ampliação da percepção fenomenológica do Ser-para-si, por meio do entrelaçamento entre corporeidade e contingências.

2. SUJEITO E PROJETO DE SER NAS REFLEXÕES SARTREANAS SOBRE A MORTE

A investigação fenomenológica e ontológica sobre o fenômeno da morte teve sua empreitada vigorosa, em âmbito filosófico, com análises de Heidegger e sua interpretação do *Dasein* (pre-sença) em sua possibilidade de “ser-toda” e como ser-para-a-morte (HEIDEGGER, 2001). Heidegger usa o termo *Dasein* - termo técnico de sua ontologia existencial - como o nome que interpreta o ser do homem; este termo *Dasein* é uma palavra alemã composta por “Da” que significa *aí* e remete a existência no mundo e por “sein” que significa *ser* e remete a presença do ser, por isso Heidegger entende o ser-aí em termos de existência-presença humana no mundo. Ainda segundo ele, a análise do *Dasein* significa a análise da realidade humana.

Heidegger (2001) interpreta a existência como um modo próprio de ser do homem, o que torna sua vida autêntica e o diferencia das coisas e animais e para ele, a morte não pertence a vida, mas esta é uma negação do projeto de ser e do depois (SIMAN; RAUCH, 2017). A partir dessa compreensão sobre a morte, o homem pode desenvolver o sentimento de angústia pensando que não há sentido em sua própria existência, abrindo possibilidade para reconhecer que a vida é finita e que pode acabar em qualquer momento.

Quando o homem ganha essa consciência, pode compreender que o ser-aí pode tornar sua vida autêntica, o que pode, ou não, impulsionar seus projetos de vida.

É com a morte que o homem conquista a totalidade de sua vida, por isso, Heidegger aponta que o homem é um ser-para-a-morte, pois, a morte é o que norteia todo o agir humano. De todas as possibilidades de ser, a morte é a mais pessoal, então o homem está em contato com o fim desde seu nascimento. A tensão entre a vida e a morte é o que impulsiona a existência e o que faz o homem refletir que ele é um ser que caminha para um fim existencial, portanto, a morte é um meio de descoberta do ser e um impulso para os projetos humanos, por isso, toda a angústia do homem está ligada à morte, mas também é com ela que o homem obtém sentido do ser e da realidade.

Heidegger descreve a morte como possibilidade privilegiada para o homem, pois mesmo ele sabendo sobre a morte, esta pode *impulsionar e antecipar* seus projetos de vida. A morte é uma verdade que acompanha todo o processo de se fazer no mundo, por isso, ela é uma experiência individual e alcança todas as pessoas, sendo assim, a morte é um fenômeno cotidiano que faz o indivíduo ter certeza de que a partir do momento em que nasce, ele pode morrer e acabar com qualquer possibilidade do seu projeto de ser (LARA; FERREIRA, 2019). Além dessa *universalidade e veracidade, a radicalidade* do fenômeno morte está na extinção de toda possibilidade de vir a ser, ou seja, a eliminação de todos os possíveis projetos, portanto, a morte é o término de qualquer escolha e projeto, aniquilando a transcendência do ser humano. De acordo com Costa (2021), para Heidegger, a morte é como um ponto que finaliza uma frase, extinguindo os projetos futuros. Heidegger (2001) interpreta o homem como um ser-para-a-morte, pois é ela que norteia o agir humano; dessa forma, a morte existencial é pior que a morte física e essa tensão de vida e morte define o homem e o impulsiona a realizar seus projetos. O homem está sempre na possibilidade do caminho da morte e é este caminho que serve como descoberta do ser. Com a morte o homem conquista sua totalidade e enquanto ela não vem, o homem ainda pode ser algo que é o fim, portanto, Heidegger pontua que a morte é intrínseca ao existir humano e toda sua angústia refere-se ao sentimento inquietante que a compreensão do ser-para-a-morte desvela para o ser humano (*Dasein*).

Ainda pela mesma teoria de Heidegger, a dor e o medo são sentimentos que expressam uma vivência de inautenticidade em face do ser-para-a-morte e fazem da morte um tabu, mas é preciso derrubar esse tabu e entender que o luto e a morte são diferentes para cada indivíduo de acordo com sua subjetividade e vivência. Para Heidegger encarar

a morte é uma atitude de autenticidade e impulso para projetar a vida; ao contrário, não pensar a morte é sinal de alienação e inautenticidade.

Sartre retoma o tema da morte, em âmbito ontológico, dentro do capítulo intitulado “liberdade e facticidade: a situação” (SARTRE, 1997, p. 593). Essa colocação do tema da morte no contexto em que expõe o tema das facticidades da liberdade nos dá indícios para a interpretação sartriana da morte como um acontecimento fatal da vida humana e adverso à liberdade de ser.

O ponto de partida está na apropriação da constituição do sujeito em Sartre e na interpretação da doença e da morte como facticidade modificadora do projeto de ser. Segundo Sartre (1997) a realidade humana pode ser compreendida em termos de liberdade ontológica, pois “a liberdade é precisamente o nada que é *tendo sido* no âmago do homem e obriga a realidade humana a *fazer-se* em vez de *ser*” (p. 545). Nesse sentido, os sujeitos fazem o seu ser através de suas escolhas, “para a realidade humana, ser é escolher-se” (p. 545), as quais estão vinculadas a um projeto de ser que articula a descompressão do desejo de ser. Na formulação sartreana mais conhecida presente em *O existencialismo é um humanismo* (SARTRE, 1987) lê-se que “a existência precede a essência” (p. 5), ou seja, primeiro o homem surge no mundo, encontra-se no mundo para depois *definir* sua essência, essa essência será composta pelo seu se fazer no mundo. Então, sua essência advém de sua existência (COSTA, 2021). A concepção existencialista do homem: o homem será o que ele fizer de si mesmo, será aquilo que ele se concebe como também aquilo que ele se quer na forma de um projeto de ser.

Essa concepção sartreana assume a realidade humana como ser-no-mundo enquanto uma corporeidade e consciência em suas relações com o mundo e com os outros, o que manifesta o processo de definição da existência humana: “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. [...] O homem não é mais do que o que ele faz” (SARTRE, 1987, p. 6). Isto significa que o um sujeito em sua existência nada mais é do que um conjunto e organização de empreendimentos e suas relações. A compreensão do sujeito como um ser-no-mundo conduz ao pensamento de que o que existe é a *condição humana*, ou seja, o que existe é um sujeito situado concretamente em situações históricas variadas e vividas como limites ao existir; a condição humana comprehende, segundo Sartre, “o conjunto de limites a priori que esboçam a sua situação fundamental no universo” (1987, p. 16).

Considerando que o sujeito é seu processo de escolher-se em possibilidades e o homem é apenas em sua existência, quais os impactos que a possibilidade concreta de morte desempenha no sujeito em situação de adoecimento? Como falar de dignidade humana ou humanismo em contexto de sofrimento, fragilidade e desamparo do sujeito em condição de adoecimento terminal? Langaro e Schneider (2021) indicam, corretamente, o estado da questão existencial para o sujeito em situação de morte em perspectiva sartreana: a morte pode ser captada como uma “nadificação de todas as minhas possibilidades, nadificação essa que já não mais faz parte de minhas possibilidades” (SARTRE, 1997, p. 658). Nesse sentido, a morte não é, simplesmente, a minha ausência no mundo, mas a eliminação sempre possível de todos os meus projetos.

A morte é a nadificação de todos os sonhos e projetos, um fato que está distante de ser uma possibilidade própria, por isso, não traz significado à vida. A morte é o retorno ao nada absoluto, por isso ela não tem nenhum significado para a vida e é um *absurdo*. Sendo assim, considerando a fenomenologia da morte, Sartre (1997, p. 654) ressalta o caráter absurdo da morte. A morte é a constituição do homem em sua história, por isso, negá-la é como negar a própria finitude (SANTOS; VERAS; SANTOS, 2023). A morte é algo que não se pode determinar e se torna o último fenômeno da vida que não traz possibilidade de segundas chances. A morte reduz o homem à condição de ser em-si completado e inativo pelo fato de que ela faz com que não exista mais um futuro e tudo passa a ficar no passado e na lembrança dos outros (LARA; FERREIRA, 2019).

Morrer será, então, coincidir consigo mesmo enquanto identidade totalizada, visto que rompe com a possibilidade de modificar o seu ser na perspectiva do vir-a-ser, quando definitivamente eu sou o que fui, sem possibilidade de modificação. Com isso, é o momento do fim da dialetização, no qual triunfa o ponto de vista do outro sobre o ponto de vista que sou sobre mim mesmo, no sentido de passar a viver somente pela lembrança dos que ficam, e então “morrer é ser condenado a não existir a não ser pelo outro” (SARTRE, 1997, p. 666).

Sartre diferencia-se de Heidegger pelo fato de Sartre considerar a morte como algo que não coloca sentido à vida, pois trata dela como nadificação dos projetos existenciais. De fato, no pensamento de Heidegger, a morte reveste todo o homem na disposição de ser-para-a-morte e ela é um motivo para o homem ir em busca de suas aspirações, então ela serve de impulso-antecipação para o homem. Já para Sartre, a morte do homem é apenas um retorno ao nada que finaliza absolutamente todas as possibilidades de ser para

o sujeito, então ela não serve de impulso para o homem conquistar suas aspirações em vida (COSTA, 2021).

Siman e Rauch (2017), indicam que a partir da teoria de Sartre o homem existe e sua essência é construída a partir de suas vivências e a morte não agrega valor à vida, mas pelo contrário, é um evento que retira todo o significado da vida. Contudo, nesse sentido, a morte revela algo acerca de nós mesmos enquanto realidade humana, ou seja, a morte revela que somos projetos em curso de realização e totalização incertas, e cuja finalização completa em termos de nadificação está no âmbito do imprevisível, visto que a morte pode vir a qualquer hora. A morte é o fim de todas as possibilidades do sujeito e pelo fato dela ser intrínseca ao indivíduo, isso faz com que ele fique de frente para ela, mesmo sendo um acontecimento imprevisto. A morte é o ponto chave das ações humanas e da subjetividade do sujeito e serve de condutora para reconhecer o limite humano. Mesmo a morte sendo uma nadificação, ela faz com que o homem se perceba como único responsável por sua vida, o que torna possível assumir um papel autêntico para trilhar seu caminho. A teoria existencial sobre a morte coloca o sujeito diante da eliminação de seus projetos em curso de realização ou vindouros, o que possibilita alterações nas suas relações (FONTANA, 2020).

Ora, uma doença terminal como o adoecimento por câncer, por exemplo, impõe alterações no contexto das relações do sujeito, as quais provocam alterações em seus sentidos psicológicos e existenciais. Assim, a interpretação sartreana sobre a morte tem sido aplicada em psicologia existencialista no contexto de atenção a sujeitos em adoecimento por câncer (LANGARO; PRETTO; CIRELLI, 2012; LANGARO; SCHNEIDER, 2021).

Langaro, Pretto, Cirelli, (2012) constatam essa temática em seu relato de um processo psicoterápico realizado com uma mulher em tratamento médico para um câncer de mama. As autoras fornecem elementos para compreender a doença como geradora de mudanças significativas no projeto de ser pelas alterações provocadas nas relações e, consequentemente, alterações na experiência do sujeito sobre si mesmo, o sujeito em condição de adoecimento terminal enfrenta a necessidade de reformulação de seu projeto de ser. Sendo a morte a “nadificação de todas as minhas possibilidades”, o sujeito ao defrontar-se com o seu adoecimento grave e com o seu processo de morte pode envolver-se com os sentimentos de uma experiência aniquiladora, desestruturadora do seu projeto existencial e de seus familiares (LANGARO; SCHNEIDER, 2021, p. 27). Além desses

sentimentos, outra vivência de sentido pode ser a retomada da própria história do sujeito em processo de morte, nas intencionalidades da reconstrução, da reconciliação com acontecimentos vividos, ou uma retomada de sentidos para os (desen)laços com seus entes queridos, como uma forma de dar sentido ao fim que se aproxima e significação de valor, gratificação e reconhecimento à trajetória da vida vivida.

Contudo, essa retomada da trajetória existencial de um sujeito pode disparar os sentimentos ligados ao peso dos acontecimentos vividos, das adversidades da vida e da condição da apropriação deles. A vivência do processo de morte passa também a ser difícil pois o sujeito pode questionar-se sobre o sentido da vida e sobre o que vai levar ou deixar dessa experiência, ou também pela constatação de que se viveu uma vida sendo para-o-outro, uma vida inautêntica, sem que tivesse, efetivamente, tomado seu projeto de ser em suas mãos (LANGARO; SCHNEIDER, 2021).

Ainda mais, esta nova condição de ser no mundo - estar doente pelo câncer por exemplo - que impõe ao sujeito a reformulação do sentido de seu projeto de ser e de suas escolhas, possibilita para o sujeito se apropriar de sua condição de portador de um câncer e reformular seu projeto a partir desta nova experiência de ser. Nesse sentido, a angústia diante da possibilidade de não-ser requer pode se encaminhar para a *escolha da possibilidade de ser-no-mundo-com câncer* e assumir-se enquanto ser-no-mundo-com-câncer. Essa decisão se concretiza na dinâmica entre as facticidades da vida e a liberdade de ser originária do sujeito. Assim, no relato de Langaro, Pretto e Cirelli (2012, p. 133): “a doença se instala como algo que pretere as escolhas do sujeito (...), ela o impele a fazer escolhas a partir do diagnóstico, impondo-lhe uma reorganização de seu projeto em todas as dimensões”. As autoras documentam o processo psicoterapêutico de sujeito em condição de adoecimento de câncer no sentido de viabilizar o sujeito a partir das diferentes condições e horizontes existenciais impostos pela doença e de reorganizar seu projeto de ser, na medida em que se possibilita compreender aspectos importantes da trajetória existencial e ainda de suas possibilidades concretas no presente e para seu futuro.

3. A CONTINGÊNCIA ENQUANTO FENÔMENO VIABILIZADO PELA PRESENÇA DO CÂNCER TERMINAL

Os estudos sobre a ontologia fenomenológica sartriana tem possibilitado uma aplicação de algumas reflexões sartrianas, presentes em contexto ontológico, mas que

estão relacionadas com as reflexões no campo da psicologia hospitalar em contexto de morte terminal. Assim, por exemplo, Langaro e Schneider (2021, p. 17) afirmam que “em uma perspectiva sartriana, privilegiam-se ações de mediação a pacientes e familiares para reformulação e viabilização de seus projetos de ser, visto que a perspectiva da morte não se constitui como obstáculo à liberdade, mas dá a ela novos contornos”. As autoras analisam, neste trabalho, o adoecimento por câncer e os cuidados paliativos, utilizam a perspectiva sartriana para tal escopo, e indicam a abertura de um importante campo de atuação de psicólogos e demais profissionais de saúde (LANGARO; SCHNEIDER, 2021, p. 17). Nesta contribuição, chama a atenção alguns pontos-chave tais como “mediação a pacientes”, “reformulação e viabilização de seus projetos de ser”, “a perspectiva da morte não se constitui como obstáculo à liberdade, mas dá a ela novos contornos” e “dignidade nessa etapa final do viver”. Ora, esses pontos-chave vicejam da filosofia sartriana.

Nesse contexto do trabalho com pacientes oncológicos terminais, a atuação em abordagem existencialista se insere no âmbito das mediações nas quais o psicoterapeuta é essencialmente um mediador e o sujeito deve ser essencialmente ativo e protagonista do processo. A indicação de metodologia específica, fenomenológica e dialética concentra-se em momentos de investigações, compreensões e intervenções ao longo de um processo dinâmico, em que o uso de técnicas interventivas deve ser sempre condizente com as particularidades dos casos em questão (MAHEIRIE; PRETTO, 2007; PRETTO, LANGARO, SANTOS, 2009; SARTRE, 1997; SCHNEIDER, 2008, 2011).

A vivência da finitude, entendida como a condição de contingência presente na existência, é manifestada na vivência da doença. Nesse sentido, a contingência surge como uma consequência do processo de adoecimento, associado à síntese impossível de tornar-se Em-si, e experienciada como a ruptura com o campo de possibilidades e com o futuro, a qual lança o sujeito para uma possível revisão do projeto de ser, tendo em vista possibilidade concreta de morte na situação de fim de vida. Disto se depreende a caracterização do processo do adoecer de câncer descrita como experiência de sofrimento, de incertezas, de desamparo; como sensação de abandono, de falta de sentido para a vida e como angústia frente à possível dependência de cuidados; como vivências de lutos por diversas perdas: da autonomia, do corpo vivido, da imagem corporal, do lugar social e na família e da possibilidade de não prosseguir em seus planos e sonhos. Ora, essa descrição fenomenológica do adoecer por câncer particulariza a descrição sartriana das facticidades

do existir, a qual corresponde ao conceito de contingência do existir humano (SARTRE, 1997).

A fenomenologia existencial possibilita a interpretação do sujeito através de uma perspectiva biopsicossocial em que a existência humana é permeada por uma vinculação de relações sentidas com o corpo, com o outro e com o mundo. Para Sartre (1997) a existência enquanto liberdade encontra-se limitada através de uma contingência, contudo, antes de entender o conceito de contingência é necessário primeiramente entender o conceito de facticidade. Para Sartre (1997) facticidade é resistência pela qual a liberdade é necessariamente confrontada. Partindo desse conceito, Sartre em sua obra “O Ser e o Nada” (1997) caracteriza contingência como uma facticidade:

Assim, o Para-si acha-se sustentado por uma perpétua contingência, que ele retoma por sua conta e assimila sem poder suprimi-la jamais. Esta contingência perpetuamente evanescente do Em-si que infesta o Para-si e o une ao ser-Em-si, sem se deixar captar jamais, é o que chamaremos de facticidade do Para-si. (SARTRE, 1997, p. 132.)

Portanto, ao ser facticidade do Para-si, a contingência é uma condição pela qual a liberdade não pode transpor; é sua condição limitante e vivenciada como adversidades da vida. Sartre (1997) explica que o si do Para-si é o que caracteriza a identidade do sujeito, e essa identidade está presente e se formula frente ao processo de tomada de decisão, que incessantemente se manifesta ao decorrer da existência do sujeito presente em situações sócio-históricas- culturais e biológicas.

Para Prates (2023), a caracterização principal da contingência sartriana é a ausência de controle que imputa ao sujeito. Isso significa que a contingência ao limitar o campo de escolhas do sujeito, acaba por transcender-lhe a existência e o inserir num novo contexto de vivência. A partir dessa transcendência e desse novo contexto de existência, o sujeito é submetido à possíveis reformulações das escolhas realizadas anteriormente em sua vida. A formulação de novas escolhas contribui para que possivelmente também haja, em última instância, a alteração do projeto de vida desse sujeito.

Dessa forma, considerando a contingência em termos de uma doença corporal como o câncer terminal na perspectiva fenomenológica sartriana, o paciente possivelmente vai passar por um processo de reformulação do seu projeto de vida que considere esse fato e também a possibilidade de sua finitude existencial enquanto evento próximo. Conforme observa Langaro (2012), a doença é modificadora das escolhas do sujeito e o leva a reformular todas as esferas de sua vida a partir do diagnóstico. Essa contingência faz com que o sujeito experiencie alterações em seu projeto de ser, entendido

como um processo na vida do sujeito, onde o mesmo elenca seus propósitos principais de concretização que leva em consideração a dimensão temporal voltada para o futuro e a concretização em escolhas de projetos de vida. Assim, mediando o sujeito para conceber instrumentos que lhe auxiliem tanto na reconstrução do projeto de vida, quanto em como lidar com sua possível morte.

Dessa forma, no mundo o sujeito experiencia a extinção de sua liberdade - dada que a morte como finitude existencial exime o sujeito de objetivar suas escolhas e poder vivenciar as consequências dela decorrentes. Consequentemente, a finitude impõe a nadificação de toda experiência consciente. Como sintetiza Fontana (2020) a morte dentro do esquema da liberdade é uma situação limite das possibilidades do sujeito, e ainda, faz parte da nadificação do ser do Para-si em existência.

Uma vez elucidados os conceitos sartrianos de facticidade e contingência, para avançar para as próximas reflexões existencialistas acerca do impacto do câncer terminal para a subjetividade do sujeito, é necessário retomar a conceituação de corporeidade para Sartre. Sobre a corporeidade, Sartre (1997) escreve:

E não deixo de existir esta dor em meu dedo indicador esquerdo, como não deixo de existir meu corpo em geral. Só que a existo enquanto se dissipa no fundo de corporeidade como uma estrutura subordinada à totalidade corporal. Não é ausente nem inconsciente: simplesmente faz parte desta existência sem distância da consciência posicional para si mesmo. Se, em certo momento, viro as páginas do livro, a dor em meu indicador, sem converter-se por isso em objeto de conhecimento, passará à categoria de contingência existida como forma sobre nova organização de meu corpo como fundo total de contingência. (SARTRE, 1997, p. 421-422.)

Dessa forma em relação à dor, o corpo se configura como um fundo total e mais amplo de contingência. De maneira similar, no caso do câncer terminal a presença de tumores malignos no corpo também são fatalidades - que não só alteram o funcionamento fisiológico, como também o limitam. Diante de uma doença, os sinais físicos e a dor concretizam a todo instante a facticidade/fatalidade do adoecimento, gerando desconforto e repercutindo na subjetividade do sujeito (KRATSCH, 2020). Juntamente à essa observação, Kratsch (2020) expõe que no sujeito o adoecimento também desperta o questionamento de determinados valores pessoais, sua necessidade possivelmente mais apurada em se autoconhecer e também pode despertar sua atenção para coisas em sua vida que antes ele julgava, de certa forma, banais e irrelevantes.

Em relação à administração de seu tempo de vida a partir da consciência de seu diagnóstico enquanto paciente oncológico, Kratsch (2020) define que o sujeito é

impulsionado a empregá-lo com responsabilidade, pois sua experiência de existência adquire um caráter esclarecidamente mais transitório diante do processo de fim de vida. Assim, conforme a passagem do tempo, passam também as chances de realizações de existência definidas anteriormente pelo sujeito em seu projeto de vida. Langaro (2021) explica e defende que não existe indivíduo sem projeto de ser - visto que não ter projeto é ainda ter um projeto - pois em cada posicionamento e em cada comportamento existe uma significação que o transcende.

4. AS VIVÊNCIAS DIANTE DA FINITUDE EM SITUAÇÕES TERMINAIS E CUIDADOS PALIATIVOS

Existem pesquisas sobre contribuições e interfaces da filosofia existencialista e a temática da psicologia hospitalar relacionada ao acompanhamento de pessoas e cuidados paliativos (FERRO *et al.*, 2021; LANGARO; SCHNEIDER, 2021, REZENDE; GOMES; MACHADO, 2014). A atuação no ambiente tomado pelo contexto da morte, faz o psicólogo perceber além do paciente, a família e a equipe que conviveu com o mesmo, ambos podem enfrentar desconfortos diante da morte, e diante de um contexto social, muitas vezes os profissionais não são capacitados para oferecer o cuidado e apoio ao paciente no processo de morte. A morte do outro pode sinalizar a morte da pessoa que conviveu com ele, por isso, a equipe de saúde e o psicólogo podem oferecer uma escuta ao sofrimento que é difícil de significar e que, apesar de haver vários modos de viver a morte, é importante relembrar que a vida também deve ser cuidada (LANGARO; SCHNEIDER, 2021; FERRO *et al.*, 2021).

A abordagem fenomenológica existencial tem se ocupado em refletir sobre o fenômeno da morte e as possíveis contribuições aos cuidados paliativos no acompanhamento do processo de morte. Estudar e falar sobre este assunto tem interesse em ampliar os conhecimentos sobre esse processo que ainda é pouco discutido. Por isso, Rezende, Gomes e Machado (2014), indicam a importância do psicólogo atuando junto com a equipe de cuidados, pois a mesma também pode apresentar sofrimento pelo sujeito que está passando pelo processo de morte. O psicólogo tem recursos para auxiliar com o sofrimento de todos os envolvidos enquanto atua para uma melhora de qualidade de vida do sujeito que está em sofrimento.

Hoje os pacientes em estado terminal vivenciam sua morte no meio hospitalar, fazendo do morrer algo solitário. A própria sociedade leva o sujeito a negar a morte, o

que pode ocorrer com mais intensidade em pessoas no estado terminal (SANTOS, VERAS, SANTOS, 2023). Lara e Ferreira (2019), pontuam que a chegada da tentativa de intervir na morte pode levar a evitá-la a todo custo, o que gera uma ideia errônea de que somos imortais. Esse pensamento é desenvolvido com base nos avanços tecnológicos da medicina, por isso, muitas famílias decidem deixar a pessoa em estado terminal dentro do ambiente hospitalar. No processo de construção da realidade humana a percepção sobre o conceito de morte pode mudar. A visão de uma criança totalmente saudável sobre a morte pode se assemelhar a algo que já está presente, sem muita compreensão. Já para uma criança com uma doença grave, o conceito de morte pode ser mais amplo, pois ela vivencia isso. Na fase da adolescência e para jovens adultos, existe o conceito compreensivo da morte, porém eles podem comprehendê-la como algo distante ou desafiador. Já para adolescentes e jovens adultos com doenças graves, como o câncer, por exemplo, a morte representa uma luta diária em busca de sobrevivência. Na fase idosa, como é a final, ocorre uma ideia errônea de aceitação, pelo fato do idoso já ter vivido mais e ter tido mais feitos durante o percurso de sua vida. Entretanto para Heidegger (2007), a morte é presente e determina a vida desde seu começo, por isso, o medo dela é diferenciado para cada indivíduo (FERRO *et al.*, 2021). Esse pensamento de que a morte em pessoas na fase final da vida, ou em estado terminal pode ser aceito, pode trazer um sentimento de inutilidade e improdutividade para o sujeito que está vivenciando a chegada da morte, o que pode dificultar o tratamento e trazer mais sensação de solidão.

Uma análise das fases da morte e do morrer pode ser encontrada nos trabalhos de Elizabeth Kübler-Ross (1998, 2002, 2005), nos quais podemos refletir sobre as vivências possíveis diante da finitude como o processo de morte e do morrer. Essas vivências são descritas como negação, raiva, barganha, depressão e por fim, aceitação. Machado, Gomes e Rezende (2014) entendem a vivência da negação como sendo a incapacidade do indivíduo de aceitar seu fim, isto porque, o indivíduo adquire uma defesa temporária para notícias repentinhas, passando a buscar outros diagnósticos, por não aceitar o atual. O papel fundamental do psicólogo nessa vivência de negação é entender e auxiliar para que essa negação não se torne uma recusa de tratamento, pois, ainda há vida. Já na vivência de raiva, a pessoa em situação de adoecimento tende a ter raiva por estar passando por essa situação adversa, e esta raiva pode ser direcionada para as pessoas que estão à sua volta, como os familiares, equipe médica ou amigos. O cuidado essencial do psicólogo é ajudar com que as pessoas que estão à volta do paciente entendam que o sentimento de raiva não

é pessoal e pode ser aliviado para que não se afastem e acolham o sujeito em vulnerabilidade. A vivência de barganha se manifesta a partir do sentimento de frustração (a negação e raiva não deram certo), e o paciente manifesta expectativas e esperanças de que a morte se adie através de promessas e juramentos. Na vivência de depressão o paciente não consegue negar a existência da doença, trazendo uma sensação de muitas perdas, como momentos, planos e a companhia das pessoas, por isso, é essencial que o psicólogo auxilie o paciente para que ele verbalize seus sentimentos, sem julgamentos ou frases motivadoras, para que o paciente saiba que não está sozinho, podendo chegar a última que é a vivência que é a aceitação. Esta vivência se caracteriza pela vontade do enfermo de estar só e em tranquilidade, aqui as preocupações da rotina, falas desnecessárias já não lhe importam mais e o que chega é a visão distante parecendo que o paciente já não vê mais nada. Aqui o sujeito se volta para seu interior e o que mais importa a ele é somente a presença e o acolhimento, como por exemplo, um segurar de mão ou estar ao lado. Nesse momento é importante que o psicólogo esteja atento às manifestações e desejos do paciente, para que possa informar a equipe médica e aos familiares, assim como é necessário confortar a família.

Em relação ao luto, do ponto de vista da psicologia existencialista, os estudos de Freitas (2013; 2018) fornecem elucidação compreensiva em termos de uma ruptura vivida na relação ser-com experienciada como a ausência do tu. Nesse sentido, o sujeito enlutado perde mais do que a corporeidade e presencialidade do “outro”; ele perde também possibilidades próprias de existir no mundo com o outro. Por isso, a morte do outro não é apenas seu desaparecimento, mas sim uma vida de possibilidades que se interrompe. Assim, o campo da experiência em ressignificação do luto exige novas formas de ser-no-mundo por meio da (re)construção de novos sentidos, de novas formas de ser-no-mundo e de ressignificação da relação vivida com o ouro perdido. As vivências de luto em perspectiva existencialista implicam as retomadas da relação ser-com, mas não em termos de uma superação do luto, mas sim uma ressignificação das possibilidades presentes e passadas (FREITAS, 2018). Esta ressignificação da relação interrompida do ser-com enfrenta a irreversível ausência espacial do outro, porém, envolve a presença social e afetiva do outro morto, ou seja, ainda que a presença física não seja mais possível, permanece a mediação da presença social e afetiva do outro, a qual pode se manter como marcas na vida dos que ficam.

As contribuições de Langaro e Schneider (2021) envolvem a psicologia existencialista e a atenção aos pacientes em condição de final de vida, as quais indicam possibilidades de atuação dos psicólogos. Esta atuação é descrita em termos de suporte psicológico, mediação das relações e da comunicação, e auxílio para a autonomia do paciente em suas decisões para o momento final da vida. Por isso é essencial o acompanhamento de um psicólogo que possibilita acolhimento e atenção na vivência do processo de morte para o sujeito em fim de vida e para seus familiares (MACHADO; GOMES; REZENDE, 2014). Nesse sentido, os cuidados paliativos podem trazer aos sujeitos formas acolhedoras mais humanizadas. Essa forma nova de atenção é respaldada em focar no paciente e suas vivências, ao invés da doença, para isso é necessária uma equipe multidisciplinar focada no paciente (FERRO *et al.*, 2021).

Para Ferro *et al.* (2021), o papel fundamental do psicólogo estará em acolher a autonomia do paciente que está no estado terminal e aliviar tensões para ocorrer oportunidades de despedidas, fortalecendo um vínculo ampliado de confiança entre as duas partes e com a família, dessa forma, o próprio paciente e a família conseguem entender os processos da doença e facilitar a compreensão das decisões de quem está doente. Para isso, se faz necessário uma avaliação da família para a intervenção psicológica, conhecer a situação emocional auxilia na elaboração do entendimento que a vida pode ter um fim a partir do conhecimento do estado terminal de quem está doente.

O apoio e atenção do psicólogo são essenciais para engajar uma boa comunicação entre as partes e (re)significação da morte para os envolvidos. Muitos pacientes tendem a entender que o psicólogo está presente nesse momento para fazer com que eles *aceitem* a morte, mas o verdadeiro intuito do psicólogo é ouvir e acolher esse paciente em todas as suas vivências no processo de morte e possibilitar a ressignificação de narrativas. A abordagem existencial sem (pré)julgamentos apresenta para o psicólogo a validação do que o paciente comunica, fazendo com que ele se sinta autêntico e acolhido para assim entender a sua própria situação no processo de adoecimento terminal. (LANGARO; SCHNEIDER, 2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos apresentados neste escrito inserem-se no contexto de pesquisas em filosofia existencialista sartriana e suas aplicações em psicologia. A filosofia da realidade humana apresentada por Sartre visiona essa realidade humana na relação de

intencionalidade envolvendo corpo e consciência, e isso se dá através da relação no/com o mundo, caracterizando sua existência concreta e extensiva. Essa existência a ser construída e inventada está concretizada em escolhas, cujo estatuto ontológico estão atreladas a um determinado projeto de ser. Durante a construção desse projeto de ser, as possibilidades do existente humano se deparam com dificuldades (obstáculos, facticidades), como uma doença, abatimento ou lidar com a morte. Ademais, a base existencialista faz o uso de uma dialética que concentra-se em um modelo investigativo e compreensivo, cuja dinâmica compreende o terapeuta como um mediador desses atravessamentos e o sujeito, inserido nesse contexto, como uma ação performativa de projetos de vida e decisões existenciais historicamente situadas. Assim, o presente estudo viabilizações para o problema da construção e da ampliação na percepção fenomenológica do Ser-para-si, por meio do entrelaçamento entre corporeidade e contingências.

Diante dos aspectos acima mencionados torna-se possível a consideração de que para a psicologia existencialista, no contexto de pacientes oncológicos terminais em cuidados paliativos, é prevalente as vivências diante da finitude. Tal prevalência se faz presente num cenário onde não somente a saúde fisiológica do paciente encontra-se em estado de instabilidade e vulnerabilidade, como possivelmente encontra-se também nesse estado, sua saúde mental. Saúde mental essa pertencente a um sujeito que a partir do diagnóstico médico clínico, passa a experienciar momentos de reformulação de seu projeto de vida. Dessa forma, diante das conceituações existencialistas de Jean Paul-Sartre sobre liberdade, facticidade, contingência, corporeidade e morte, foi possível estabelecer ligações com artigos científicos recentes; contudo, ainda é um campo em potencial ascensão na pesquisa científica sobre a psicoterapia de abordagem existencialista para esses mesmos pacientes.

REFERÊNCIAS

COSTA, R. M. A concepção da morte no existentialismo de Heidegger e Sartre. **Revista Contemplação**, 2022 (26), p. 86-104. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/306/348>. Acesso em: 17 nov. 2024.

FERRO, L. R. M. *et al.* Análise da percepção da dor e da possibilidade de morte em pacientes oncológicos no Brasil. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 15, n. 57,

p. 79-88, Outubro/2021. Jaboatão dos Guararapes, 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3167/5005>. Acesso em: 17 nov. 2024.

FREITAS, J. de L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, XIX, 97-105, 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013. Acesso em: 29 out. 2024.

FREITAS, J. de L. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicologia USP**, 29(1), 50-57, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7XBPBJQ4PLgrXc9pTyCDSTw/>. Acesso em: 30 out. 2024.

FONTANA, V. F. Sartre: o existencialismo em torno da morte. **AUFKLÄRUNG**, João Pessoa, v. 7, n. 3, Set.-Dez., 2020, p. 99-110. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/55296/32093>. Acesso em: 17 nov. 2024.

KRATSCH, M. L. A vivência do adoecimento: reflexões sobre liberdade e busca de sentido à luz da psicologia existencialista. **Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa**, v. 4, p. 53- 64, 1. Sem. 2020. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>. Acesso em: 20 out. 2024.

KUBLER-ROS, R. **A roda da vida**: memórias do viver e do morrer. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LANGARO, F.; PRETTO, Z.; CIRELLI, B. G. Câncer e o sujeito em psicoterapia: horizontes de trabalho na perspectiva existencialista de Jean-Paul Sartre. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 24, n. 11, p. 127-146, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/NLsYTP8Ph3s6B7QbLmXtfbL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 nov. 2024.

LANGARO, F.; SCHNEIDER, D. R. Contribuições do existencialismo Sartriano aos cuidados paliativos oncológicos. **Revista do Nufen**. Belém, 13(1), 17-40, jan.-abr., 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v13n1/v13n1a03.pdf>. Acesso em: 31 out. 2024.

LARA, W. A.; FERREIRA, I. A morte como fim do projeto de ser: um estudo dos últimos anos de Sartre. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 53, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/58214/43784>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MAHEIRIE, K.; PRETTO, Z. O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. **Revista do Departamento de Psicologia-UFF**, 19 (2), 455-462, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/D6CGd5cJjx53vfqznVGgFpn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2024.

PRATES, M. Totalidade e finitude: sobre a singularização em Sartre. **Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia da Unesp**. v. 46, n. 1, p. 177-208, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/8jrvmh743xPhmsvc3tnH3Kv/>. Acesso em: 30 out. 2024.

PRETTO, Z.; LANGARO, F.; BUNN SANTOS, G. Psicologia clínica existencialista na atenção básica à saúde. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, 29(2), 394-405, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200014. Acesso em: 30 out. 2024.

REZENDE, L. C. S.; GOMES, C. S.; MACHADO, M. E. da C. A finitude da vida e o papel do psicólogo: perspectivas em cuidados paliativos. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 6, n. 1, jan. /jun. 2014, p. 28-36. Campo Grande, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaud/v6n1/v6n1a05.pdf>. Acesso em: 18 out. 2024.

SANTOS, R. de F. V. dos; VERAS, C. A.; SANTOS, R. P. V. dos. A relação do sujeito perante a morte, na versão fenomenológica existencial. **Revista Contemplação**, 2023 (31), p.1-11. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bfwQZ>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. **Vozes**: Petrópolis, 1997.

SARTRE, J. P.; SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCHNEIDER, D. R. O método biográfico em Sartre: contribuições do existencialismo para a Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia-UERJ**, 8(2), 289-308. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n2/v8n2a13.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre a psicologia clínica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

SIMAN, A.; RAUCH, C. S. A finitude humana: morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. **Fac. Sant' Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2. Sem. 2017. Disponível em: <https://www.iesaa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/111>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Daiana Zago Lupepsa: Elaboração de pesquisa exploratória, realização de leituras e fichamentos, elaboração de análise e discussão dos dados, produção de texto. Revisões ortográficas e normas técnicas do periódico.

Livia dos Santos Rios: Elaboração de pesquisa exploratória, realização de leituras e fichamentos, elaboração de análise e discussão dos dados, produção de texto. Revisões ortográficas e normas técnicas do periódico.

Jorge Antonio Vieira: Elaboração de análise e discussão dos dados, produção de texto. Orientador da pesquisa para a produção do artigo e da produção textual.